

UMA PÁGINA DE HISTÓRIA

por Mário Soares

Como alguns jornais noticiaram, passou, em 19 de Julho último, o trigésimo aniversário da célebre manifestação da Fonte Luminosa. Para quem não viveu esse dia distante, que foi um dia de sol intenso e grande tensão política, a evocação da Fonte Luminosa representa muito pouco ou mesmo nada. E, no entanto, aquele dia representou uma inversão decisiva na marcha para o abismo - ou "fuga para a lua", como lhe chamava o meu saudoso amigo Joaquim Barradas de Carvalho, ilustre historiador, comunista de sempre e que morreu comunista - determinando uma clivagem no Movimento das Forças Armadas (MFA), que levaria à queda do efémero V Governo Provisório, chefiado por Vasco Gonçalves, em pleno "verão quente".

A "Revolução dos Cravos" contava poucos meses, quando as contradições do "processo revolucionário em curso", no âmbito militar e civil, começaram a dar sinais inquietantes de não serem facilmente geríveis, suscitando confrontações graves. O 28 de Setembro de 1974, seguindo-se ao chamado golpe Palma Carlos, foi talvez o primeiro desses sinais. Spínola, com a sua saída, favoreceu involuntariamente uma "aceleração da Revolução", como se dizia naquele tempo...

Em Dezembro de 1974 realizou-se o I Congresso do PS na legalidade. A luta difícil que então se travou, para impedir a "satelização" do PS, relativamente ao PCP e ao grupo mais radical do MFA, foi outro sinal de que havia um projecto, que se ia tornando cada vez mais claro, para, como também se dizia, "fazer a economia de uma Revolução", isto é: passar de uma democracia pluralista avançada para uma "democracia popular", tipo Cuba.

O Congresso do PS foi ganho in extremis mas um mês depois, em Janeiro de 1975, estávamos envolvidos de novo na luta contra a "unicidade sindical", para evitar que os sindicatos se tornassem uma "correia de transmissão" directa do PCP.

A outra etapa desse processo, deu-se em 11 de Março de 1975, quando do golpe (falhado), seguido de fuga, para Espanha, do General Spínola. De novo António Spínola, mal aconselhado, esteve na origem de outro "avanço", esse imenso, da Revolução, com as nacionalizações atribuladas e inesperadas que, imediatamente, ocorreram. Na Assembleia do MFA que se lhe seguiu, naquela euforia revolucionária, Costa Gomes, Presidente da República e do Conselho da Revolução, impôs a realização de eleições constituintes, em 25 de Abril de 1975, em cumprimento da promessa contida no Programa do MFA. Foi a contrapartida indispensável para que o PS não levantasse problemas - no imediato - às transformações políticas e económicas a que o 11 de Março deu lugar.

As eleições, como todos se lembram, deram a vitória ao PS (37,8% dos votos expressos), numa eleição contra ciclo, inimaginável para o MFA, pelo menos para aquela parte que o comandava na altura. Mas o PS, com muita contenção e conhecendo bem a relação de forças em presença, não deu qualquer sinal de triunfalismo e nem sequer exigiu qualquer mudança do ou no Governo.

Contudo, os acontecimentos precipitaram-se. No 1º de Maio de 1975 os comunistas e seus aliados quiseram fazer uma demonstração de força. Não nos queriam deixar, a nós, socialistas, entrar no estádio, com o pretexto falso de que não havia lugar. Forçámos a entrada. E quando o Zenha e eu, ambos ministros do Governo, conseguimos, no meio de um tumulto incrível, atravessar o campo de jogos e subimos para a tribuna, onde se encontrava o Presidente da República, alguns membros do Governo e os dirigentes sindicais, fecharam-nos a porta na cara e não nos deixaram entrar. O que levou o General Vasco Gonçalves a reconhecer, muitos anos mais tarde, num livro que publicou com Manuela Cruzeiro, que tinha sido um "erro grave".

Com efeito, desde então, estabeleceu-se um confronto directo entre a legitimidade, saída do voto popular e a legitimidade dita revolucionária. Os socialistas começaram a disputar a rua, à extrema esquerda e aos comunistas. Com crescente êxito.

Em 19 de Maio deu-se o caso República. Passámos uma noite de chuva, na rua, em frente ao jornal e em protesto contra as tropas do Copcon que não nos deixavam libertar Raul Rego, o

director do jornal, os jornalistas sequestrados pelos tipógrafos e outros trabalhadores. Demitimo-nos do Governo, o Zenha e eu e, dias depois, fomos acompanhados por outros ministros, do PPD e independentes, o que fez cair o Governo.

Foi então que se formou o V Governo. Contra ele desencadeámos duas colossais manifestações: no Porto (no velho estádio das Antas) e, no dia seguinte, em Lisboa, na Fonte Luminosa. Foi aí que reclamei, pela primeira vez, a queda do Governo Vasco Gonçalves, dirigindo-me, directamente, ao Presidente da República. O que veio a acontecer, dando lugar a um reequilíbrio das forças políticas. Por isso, a manifestação da Fonte Luminosa foi tão importante.

Passaram 30 anos. Os tempos mudaram completamente. A relação de forças, também. Mas a vigilância democrática continua a ser decisiva, embora hoje, os perigos e as ameaças sopram da banda contrária. A Direita portuguesa, infelizmente, aprendeu muito pouco com a Revolução...

Lisboa, 19 de Julho de 2005